

A questão da "morte da arte" na filosofia de Hegel

Noéli Correia de Melo Sobrinho

O assunto que nos propomos a tratar aqui está circunscrito à questão da *morte da arte* no sistema hegeliano. Este escrito não tem a pretensão de esclarecer os pontos obscuros que envolvem tal problema, nem aprofundar as referências aos aspectos estritamente estéticos aí encontrados; quer apenas fazer um relatório sucinto e abreviado dos posicionamentos assumidos por Hegel em alguns lugares da sua *Estética*, especificamente nos capítulos I e IV do volume intitulado "A Idéia e o Ideal" e na parte que trata da "Arte Romântica" no volume II da edição francesa. Embora tivéssemos percorrido alguns comentadores pertinentes em relação a este ponto da obra hegeliana, somente incorporamos à nossa exposição as observações de Benedetto Croce, porque elas nos parecem mais próximas da linha de argumentação que desejamos apresentar aqui. Em se tratando de Hegel, cabe-nos ainda um último aviso: este texto quer apenas alinhar alguns passos dados por este filósofo - cujo pensamento, todos reconhecem, é bastante esotérico e muitas vezes impermeável - que nos permitam apontar a *morte da arte* como um evento histórico que corresponde a um momento da trajetória do Espírito Absoluto.

De acordo com o sistema hegeliano, a *Estética* é a ciência que se ocupa do belo *artístico*, excluído o belo natural. O primeiro seria superior ao segundo, visto que aquele era "um produto do espírito" [*Geist*], e "tudo que provém do espírito é superior ao que existe na natureza"¹. Na medida em que o belo artístico participa do espírito, também se comunica com a verdade, e nisso reside a sua superioridade qualitativa sobre o belo natural, que não passa de um "reflexo do espírito", quer dizer, "um modo imperfeito do espírito", sem independência e subordinado. O belo que interessa à Filosofia é um objeto criado pelo espírito; isto é, o objeto da ciência da Estética e, enquanto tal, estabelecendo uma relação mais ou menos próxima da Religião e da Filosofia.

A estética é uma ciência que trata de um objeto existente e do qual ela diz o que ele é. A filosofia da arte constitui um momento do sistema hegeliano e, assim, o belo da arte presta-se ao espírito como necessidade, como elo na cadeia que conduz o espírito à sua realização. O belo artístico ocupa um determinado lugar na *totalidade orgânica do universal*. É na História, enquanto manifestação fenomênica da Idéia, que a arte pode ser pensada: "a arte (é) um modo particular de manifestação do espírito" e, quando se põe como objeto do conhecimento filosófico é um momento de "um círculo regressando a si mesmo"². O objeto da arte não encontra o seu conceito em determinações particulares, fenomênicas, mas na *Idéia*, isto é, no que há de universal nas coisas do mundo. As particularidades em que o *Belo* se dá perfazem a diferenciação dessa idéia numa pluralidade de formas [*Gestalten*] necessárias àquele desenvolvimento.

As obras de arte, de fato, estão necessariamente referidas "aos sentidos, à sensação, à intuição, à imaginação"; nisso dizem respeito à liberdade do espírito nas suas representações. Ele se dá "uma consciência que lhe permite se pensar a si próprio e a tudo quanto origina"; ademais, "o pensamento constitui a mais íntima e essencial natureza do espírito". Embora as obras de arte se prestem à sensibilidade [*Sinnlichkeit*], elas têm sua origem e natureza no espírito. Este se vê a si próprio nas obras de arte: "A obra de arte, onde o pensamento de si se aliena, pertence ao domínio do *pensamento conceitual* (gn), e o espírito, submetendo-se ao exame científico, satisfaz a exigência da sua mais íntima natureza".

Ainda que a origem e a natureza da arte sejam de ordem espiritual, não se deve entender por isso que suas determinações sejam, segundo Hegel, abstratas: abstrações são generalidades vazias e não contêm nenhum elemento sensível, que, de resto, é próprio das obras de arte; estas devem ser concebidas como algo que está presente na "vida". Contudo,

(...) como a nossa cultura não se caracteriza por um excesso de vida, como o nosso espírito e a nossa alma já não obtêm satisfação dos objetos animados por um sopro de vida, não é do ponto de vista da cultura, da *nossa* cultura, que podemos apreciar o justo valor, a missão e a dignidade da arte.³

Em outras palavras, a *cultura alemã* em especial, cunhada na abstração e na generalidade, não podia mais ligar a arte à vida: "por isso, a arte já não ocupa o lugar de outrora no que há de verdadeiramente vivo na vida"⁴. As múltiplas formas produzidas pelo homem expressam apenas o *estranhamento* vigente entre as representações e "as verdadeiras finalidades da vida".

A arte se põe justamente na necessidade que tem o espírito de aparecer; a essência, a verdade, tem necessidade de aparência: o espírito [em-si] sai de si e se coloca no seu outro [para-si] e depois retorna a si mesmo [em-si-para-si]. Nesse sentido e nessa trajetória, a arte é o espírito representado para si, um momento privilegiado na multidão de fenômenos; e o que a torna especial é exatamente o *conteúdo* que esta *forma* apresenta. Não se trata aqui de uma aparência qualquer; por isso o método empírico não está apto a captar o verdadeiro sentido da arte, porque também ele lida com ilusões: a realidade sensível é uma ilusão maior do que a ilusão da arte; aquela possui um conteúdo puramente material, ao passo que esta possui um conteúdo espiritual.

Hegel não argumenta que a arte seja a *verdade* pura: esta é aquilo que existe "em-si e para-si", enquanto que a arte, como já se disse, é a representação do espírito para si, um instante da sua alteridade; mas, a despeito disso, através dela, é possível descobrir a verdade, a substância, o universal: "as obras de arte não são, em relação à realidade concreta, simples aparências e ilusões, mas possuem uma realidade mais alta e uma existência verídica"⁵. Há uma *verdade* atrás da arte, tal verdade é o *pensamento*. O espírito se reconhece mais nas representações artísticas do que na natureza externa. A arte participa da liberdade do espírito, ao contrário do que ocorre com os fenômenos da natureza.

A Arte, assim como a Religião e a Filosofia, é uma expressão do divino, do *numinoso*; porém, ela difere de ambas porque lhe é próprio a *representação sensível da idéia*, ao passo que as outras duas estão já cindidas com tudo o que é sensível, encontrando-se, portanto, mais próxima do em-si, da Idéia, do Espírito Absoluto. Nesse quadro, ou melhor, nesse processo, a arte ocupa um lugar inferior ao da Religião e da Filosofia. Contudo, é inegável que a arte é o modo extremo de "*conciliação*" do espiritual com o sensível; ela é a forma de *redimir* a cisão primordial e constitutiva do homem, isto é, a conciliação do finito com o infinito, da liberdade com a necessidade. Não obstante, a arte é inferior: "a arte (...) não é a forma mais elevada do espírito, (mas) recebe na ciência a sua verdadeira consagração". O espírito encontra na arte um momento e um lugar já passados:

Já para nós a arte não possui o alto destino que outrora teve. Já para nós apenas objeto de representação, a arte não possui aquela imediaticidade, aquela plenitude vital, aquela realidade que entre os gregos ela teve, na época do seu florescimento⁶.

No sistema hegeliano, a arte está marcada pela transitoriedade: "se a arte serve para tornar o espírito consciente dos seus interesses, *ela não constitui o modo de expressão mais elevado da verdade*". A arte encontra-se limitada por seu próprio conteúdo, que exige representação sensível; por isso, apenas tem como conteúdo um determinado grau de verdade. Do ponto de vista fundamental da história, a arte foi superada pelo cristianismo e este pela filosofia moderna. Portanto, a sua superação [*Aufhebung*] é também a sua dissolução, a sua morte; morte necessária, pois já agora ela se mostra "incapaz de satisfazer a nossa última exigência de Absoluto. Já nos nossos dias, não se venera as obras de arte, e a nossa atitude perante as criações artísticas é *fria e irrefletida*" (gn). Nas palavras de Hegel: "já não vemos nela qualquer coisa que não poderia ser ultrapassada"; ou ainda: "as condições gerais do tempo presente não são favoráveis à arte". Enfim, a arte decaiu enquanto representação pura e simples: "Em todos os aspectos referentes ao seu supremo destino, a arte é para nós coisa do passado. Com sê-lo, perdeu tudo quanto tinha de autenticamente verdadeiro e vivo, sua realidade e necessidade de outrora, e se encontra agora relegada na nossa representação"⁷.

Hegel levanta uma objeção contra a idéia de que a perfeição da arte e aquilo que a define seja a "imitação da natureza", ou seja, a mimesis compulsiva do sempre igual. Nesse caso, o espírito ficaria submetido à matéria, a liberdade de criação à memória e o conteúdo à forma. No entanto, ao contrário, "o valor de uma produção provém do conteúdo, na medida em que este participa do espírito". Quer dizer: o conteúdo material não é o que garante a existência da obra de arte, mas sim o seu conteúdo espiritual. Trata-se do fato de que a arte precisa tirar as suas formas da natureza (elemento sensível), mas o seu conteúdo é a idéia (elemento espiritual). A arte não deve copiar passivamente a natureza, mas não pode recusar o material que esta lhe fornece. O *interesse* do artista lhe nasce de dentro e a sua consciência é o sujeito desse interesse espiritual que se exterioriza na obra.

O objetivo último da arte é "despertar a alma", porque o conteúdo é o mesmo da idéia; é "revelar à alma tudo o que a alma contém de essencial, de grande, de sublime, de respeitável e de verdadeiro". Nas palavras de Hegel: "o fim da arte consiste em pôr ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a *verdade* que o homem guarda no seu espírito"⁸. Em suma: "a arte cultiva o *humano* no homem". Ela desperta as paixões humanas através das suas representações, e esta deve ser a sua finalidade maior. Ela opera através do *sensível*: "Esta sensibilização é alcançada pela arte, não com o recurso a experiências reais, mas somente com a aparência delas, sobrepondo, por intermédio da ilusão, as produções artísticas à realidade"⁹.

A arte é o intermediário, quer dizer, a mediação entre o exterior e a alma-vontade e, enquanto tal, exerce um poder de persuasão e de paixão; mas estas paixões podem ser "nobres" ou "vis".

Qual seria, então, "o fim essencial, o fim em-si da arte"? Inicialmente, sua finalidade teria sido a de "abrandamento da barbárie", isto é, a de "*disciplinar* (gn) os instintos, as tendências e as paixões"¹⁰. Aqui, ela se mostraria "libertadora", na medida em que representava estas paixões e as reconhecia como alteridade; ou seja, elas se encontrariam "objetivadas", e, quando isto ocorria, já os ânimos se tornam *calmos* e serenos. Em seguida, numa outra etapa, a arte se moraliza; já aí a sua finalidade se estende no sentido de a alma subordinar ainda mais as paixões, purificando-as. Isto se fazia elevando os homens acima da natureza, fazendo do valor moral o conteú-

do da arte. Contudo, tal coisa trazia um problema: havia sempre o risco de que o elemento sensível da obra de arte fosse subjugado por "proposições morais abstratas"¹¹; o que tornaria o seu conteúdo demasiado geral e vago; além do que, este ponto de vista poderia estar cavando cada vez mais fundo a cisão entre o sujeito e o objeto, o espírito e a natureza, e não, como deveria ser a arte, uma "reconciliação":

É missão da filosofia, sua principal missão, suprimir as oposições (...) e mostrar que os termos opostos não são, na realidade, tão intransigentes e irresolúveis como parecem, que a única verdade enunciável a propósito de cada um é que não são verdadeiros em si e que a verdade de ambos só resultará da mútua conciliação, união e harmonia. De um lado, há a liberdade, de outro, a necessidade. A liberdade é essencialmente um atributo do espírito, a necessidade é a lei da vontade natural.¹²

A arte é aquilo que se dirige ao espírito através da sensibilidade; aí reside o seu limite e nisso ela se distingue da ciência, pois esta busca o *universal absoluto* e o seu objeto está para além do imediato sensível: "O sensível está, na arte, para o espírito, mas o objeto da arte não é, como na ciência, a idéia, a essência, a natureza íntima deste sensível"¹³. Por isso também, "a fantasia é a origem da arte e o motivo da sua limitação"¹⁴. Ela tem como fim a *representação da verdade*, e aí, na imagem refletida da essência, é que se desenha o seu limiar. Ela certamente permite algum grau de "conciliação dos contrários" e nisto habita "o fim supremo, o fim absoluto"; qual seja, a conciliação do espírito abstrato e da natureza, do "pensamento subjetivo" e da "realidade objetiva", do "universal abstrato" e do "particular sensível".

3

No plano geral da Estética, a arte aparece como "uma emanção da idéia absoluta", cuja finalidade é a "representação sensível do belo", cujo conteúdo é a "idéia representada numa forma concreta e sensível" e cuja função é a de "conciliar, numa livre totalidade, estes dois aspectos: a idéia e a representação sensível", mas, para cumpri-la, exige-se de antemão que haja *adequação* entre o conteúdo não-abstrato e a forma sensível; desta adequação

se obtém um concreto e este concreto é a obra de arte. Na medida em que a obra de arte se revela como um apelo do espírito à sensibilidade, não pode ser de sua natureza desinteressada; mas, de todo modo, no seu aspecto sensível reside também a sua limitação: "a arte (...) não é (...) o meio mais perfeito para apreender o concreto espiritual. Por isso, o pensamento lhe é superior"¹⁵.

A arte, como já se disse, é um momento transitório do processo que objetiva e realiza o espírito na história: "antes de atingir o *verdadeiro conceito da sua essência absoluta*, o espírito percorre os graus que o conceito impõe". Por isso, "(Esta) evolução do conteúdo pelo conteúdo imposto corresponde, em íntima conexão com ela, *uma evolução das representações concretas da arte* nas formas artísticas que, decifradas, dão ao espírito a consciência de si próprio"¹⁶.

No movimento que percorre o espírito, encontramos o *ideal* artístico quando "há uma adequação completa entre a idéia e a forma enquanto realidade concreta", isto é, quando se dá "a idéia realizada em conformidade com o seu conceito, e isto constitui a verdade implicada na essência da arte"¹⁷. Em outras palavras, a verdade inscrita nela é o resultado de uma *correspondência* ideal entre o conteúdo e a forma, quer dizer, a conformidade de uma idéia com a sua representação: "é dentro desse *processo* que a beleza artística aparece como uma totalidade de graus e de formas particulares"¹⁸. Para que haja arte verdadeira, exige-se a adequação, pois a idéia enquanto indeterminada abstrata não dá surgimento à forma verdadeira, concreta, mas somente representa o que lhe é exterior.

Há, na verdade, de acordo com Hegel, uma hierarquia das formas artísticas e esta hierarquia se encontra na história, na história da objetivação e realização do Espírito Absoluto. Em primeiro lugar, temos a "*arte simbólica*", que é "uma arte ainda imperfeita", que expressa o sentimento do sublime. Aqui, "turvo e abstrato é o conteúdo (que) extrai o seu aspecto figurado da natureza imediata"¹⁹. O sublime, o desmedido, não deve ser confundido com a beleza, visto que aquele expressa somente a forma como sendo devorada por um arbitrário universal indeterminado. Em resumo: "O símbolo consiste numa representação com um significado que não se conjuga com a expressão; mantém-se sempre uma diferença entre a idéia e a forma. A arte simbólica é a tentativa frustrada, irrealizada por inadequação, não-conformidade, não-correspondência, do ideal estético".

Em segundo lugar, encontramos a "arte clássica" ou o "ideal da arte". Nesse ponto da evolução do espírito estético, podemos observar "a livre adequação da forma e do conteúdo, da idéia e da manifestação exterior; ou melhor, "um conteúdo dotado da forma que lhe convém, *um conteúdo verdadeiro exteriorizado num aspecto verídico*" (gn)²⁰. Aí temos o ideal artístico consumado. No entanto, enquanto representação da idéia, a arte clássica encontra também o seu limite, que, aliás, é o limite da arte: o espírito puro, absoluto e eterno não pode ser representado ou imaginado; nisso consiste "a fraqueza e a insuficiência da arte clássica"²¹. Num terceiro momento, aquele da ultrapassagem da própria arte, da sua superação, está a "arte romântica ou cristã". De imediato, ela significa "a ruptura do conteúdo e da forma e constitui "um regresso portanto ao simbolismo - inadequação entre conteúdo e forma -, mas ao mesmo tempo um "progresso" na espiritualização, pois neste tipo de arte "se deu uma cisão entre a verdade e a representação sensível" (gn), ao passo que a *unidade* e a *reconciliação* só é possível que se dê "no espírito e na verdade"²².

Em Hegel, romantismo quer significar *libertação da idéia*, "ruptura da unidade entre o real e a idéia". O romantismo se acha na fronteira da arte e, como tal, é um lugar de superação desta manifestação do espírito. Diz Hegel: "A arte romântica atingiu, do ponto de vista da idéia, o máximo, e haveria de sucumbir pelos defeitos provenientes das limitações que a si própria, enquanto romântica, se impôs"²³.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o romantismo é o lugar onde a arte morre, ela demonstra também, por causa mesmo disso, a sua superioridade sobre a arte clássica:

Se, portanto, o em-si da fase anterior fica ultrapassado, se a unidade da natureza divina e da natureza humana deixa de ser uma *unidade* direta e imediata para se tornar unidade consciente, já não é o sensível e o corporal, representados pela forma humana, mas sim a *interioridade consciente de si própria* que aparece agora como o conteúdo verdadeiramente real da arte.²⁴

Não obstante, apesar da ruptura, o romantismo ainda é uma expressão estética: "o romantismo consiste num esforço da arte para se ultrapassar a si própria sem todavia transpor os limites da arte". Se isto é verdade, então, há uma relação entre a idéia e o sensível nesta expressão artística: o

sensível se encontra submetido pela idéia e só existe nela como sentimento e alma, sendo o espírito romântico ainda *subjetivo*. Aqui, "o espiritual aparece como espiritual, a idéia é livre e independente". O espírito domina de fato o sensível e atribui a toda acidentalidade aparente uma significação: "Este mundo inteiro forma o conteúdo do romantismo e é enquanto interior e na aparência desta interioridade que recebe a sua representação"²⁵.

As diferentes artes aparecem da mesma maneira hierarquizadas num processo histórico no qual cada uma delas, tendo em vista as relações de matéria e forma, se aproximam mais ou menos do absoluto, do ideal que é *Deus*, ou seja, o *belo* na sua máxima espiritualização, aquele que se faz mundo. Nesta configuração, a arte simbólica, cujo tipo ideal é a arquitetura, é a que representa a maior *extremidade* na relação entre forma-representação e conteúdo, obedecendo apenas as "regras abstratas de simetria". Diferentemente, na arte clássica, cujo tipo ideal é a escultura, é que encontramos a total identidade entre idéia e matéria, conteúdo e forma, a unidade que se dá na pura universalidade, o deus transfigurado na obra.

A culminação da arte, porém, está no romantismo que se expressa, respectivamente, na pintura, na música e na poesia:

No romantismo, a interioridade, o sujeito, o conteúdo da obra de arte abandona o seu tranqüilo silêncio, a sua unidade absoluta com a forma, a sua matéria, a sua representação exterior, para regressar a si própria, reintegrando a liberdade à exterioridade, que, por sua vez, regressa a si mesma, quebra a união com o conteúdo, torna-se-lhe estranha e indiferente.²⁶

Neste processo de espiritualização progressiva da arte, a poesia é aquilo que a leva a seu termo. Na pintura e na música, os elementos sensíveis e subjetivos estão ainda bastante presentes. Na poesia, o elemento sensível é submetido a uma total idealização, visto que as palavras já constituem sinais de interioridade espiritualizada que se exprimem em pensamentos e representações: "a poesia é comum a todas as formas do belo, porque o seu verdadeiro elemento é a *fantasia* de que carece toda criação que, por intermédio de qualquer forma, vise à *beleza*" (gn)²⁷. Na poesia, "neste grau supremo, a arte se ultrapassa a si mesma para se tornar prosa, *pensamento*" (gn). Isto porque as "artes particulares" só podem ser pensadas num processo histórico de objetivação do espírito: elas constituem "as formas ge-

rais da idéia do belo em vias de desenvolvimento¹²⁸. O espírito do belo enquanto obra de arte se realiza e se supera na poesia romântica, mas, enquanto "arquiteto e operário", ele "só estará terminado ao fim de milênios de história universal".

4

O romantismo é a última forma assumida pela arte antes de ser superada, que se determina "pelo conceito do conteúdo que se trata de representar", ou seja, "o conteúdo absoluto da verdade"¹²⁹. O romantismo é a culminância de um processo que mostra a "tendência da imaginação para se desligar da natureza e se orientar no sentido da espiritualidade"¹³⁰. O que esta tendência persegue é abolir a dicotomia entre o "subjetivo em-si" e a "manifestação exterior", de modo a "permitir ao espírito um apaziguamento profundo através de um acordo mais estreito com a sua própria esfera íntima"¹³¹; até porque é retornando a si mesmo, à sua identidade, que o espírito "goza assim de sua infinitude e liberdade"¹³².

Esta elevação ao espírito a si mesmo, graças à qual encontra em si mesmo a sua subjetividade, que ele estava obrigado até então a achar no mundo sensível e exterior, e graças à qual adquire o sentimento e a consciência da sua união consigo mesmo, constitui o princípio fundamental da arte romântica.³³

Na arte romântica, o espírito está em vias de se desligar dos elementos corporais externos e de suas representações abstratas. E, caso se possa ainda falar aqui em beleza, trata-se então de "uma beleza puramente espiritual, a da interioridade como tal, da subjetividade infinita e espiritual em si"³⁴. O valor da arte romântica reside no seu conteúdo, isto é, na "interioridade absoluta", à qual se une a forma da "subjetividade espiritual consciente da sua autonomia e liberdade". Em outras palavras, o romantismo é o produto da união entre o *infinito* e o *universal*, produto esse que desconhece qualquer "particularidade", qualquer "separação", todo "processo natural". Não obstante, enquanto arte, o espírito deve "penetrar na realidade exterior", ainda que seja para se reconhecer na alteridade e retornar outra vez para si mesma, para sua identidade absoluta.

Deus é aquilo para o que retorna o espírito quando atravessa as obras românticas; contudo, Deus não é acessível através dos sentidos. Todavia, o romantismo enquanto arte precisa conter um elemento sensível. Então, como se apresenta este sensível diante da atividade do espírito? Trata-se de um sensível, diz Hegel, que se torna "subjetividade espiritual", isto é, obtém "a certeza da sua realidade enquanto absoluto". Este Deus é a "substância divina que descansa infinita em si e é ela mesma a fonte desta infinitude"³⁵. Na arte, como de resto na religião, este Deus assume a forma humana, se apresenta enquanto homem que se constitui na cisão com a natureza e se define como razão, lampejo divino. Na arte, a interioridade infinita abandona a exterioridade corporal e garante para si independência, liberdade, eternidade. Espírito é liberdade e, nesse sentido, a arte romântica possui um rasgo de verdade: há algo da verdade nestas obras, e isto é o seu conteúdo, a Idéia.

A "subjetividade absoluta" se manifesta de três maneiras. 1ª O *Absoluto* se sabe como espírito e se representa como homem. Enquanto "participante do divino", o homem intui a si próprio como "eterno e infinito de acordo com a verdade"³⁶. Ele encontra em Deus o lugar da "conciliação do espírito consigo mesmo na sua subjetividade". 2ª A *conciliação* é o resultado de um processo de "ascensão do espírito" que ultrapassa o mundo da finitude e assim alcança a verdade de si. O mundo da finitude é o *reino do mal*, é o espírito no momento da sua alteridade necessária, mas é através dele que é possível aceder ao "reino da verdade e da beatitude"³⁷. A dor e o sofrimento pertencem à natureza da arte romântica, porque o mal e a morte são aquilo para o que aponta a razão consciente de si que vê o mundo como alteridade, como o lugar da "maldição eterna", mas que indica um futuro conciliado, onde o tempo não é o devorador de seus rebentos, para um devir de eternidade. No romantismo, a morte como "aspiração da alma natural" só é negação daquilo que já é de si negação e alteridade, razão por que tal aspiração é "afirmativa". 3ª Quando o conteúdo vem representado pelo homem, temos aí um conteúdo que é finito e que se encontra aprisionado nos seus próprios limites. Enquanto conteúdo, o humano pode ser tomado de duas maneiras: ou pela sensibilidade [acidental] ou pela espiritualidade [essencial]. Quando os elementos sensíveis determinam a configuração da obra, temos então uma arte degradada; mas quando ocorre o inverso, encontramos aí uma arte que se aproxima da verdade e um sujeito que conserva a sua autonomia.

O divino se retira da arte porque é um conteúdo que não pode caber em nenhuma representação sensível: a natureza não é apropriada para falar do divino. Se isto é certo, então, o conteúdo deve ser encontrado "na interioridade do espírito, no sentimento, e a representação na alma que aspira à união com a verdade, procurando evocar e fixar o divino no sujeito"³⁸. Visto que o conteúdo se põe na "alma subjetiva", ele encontra aí "uma extensão infinita"; o conteúdo se torna infinito. Nisso reside a "redenção": o espírito se redime da natureza e do sensível, lugar onde habita o mal.

Na arte romântica, a forma se torna indiferente ao conteúdo; ou melhor, o conteúdo é tal que pode se verificar numa infinitude de coisas. Nesse caso, "é o *Absoluto universal em si* (gn), que se oferece à consciência humana, o que constitui o conteúdo da arte romântica, a qual encontra assim uma matéria inesgotável na humanidade inteira e no conjunto do seu desenvolvimento"³⁹.

O conteúdo que este tipo de arte experimenta, quando exprimido, "existe já fora da esfera artística, na representação, no sentimento". E, nesse sentido, "a religião, enquanto consciência geral da verdade, constitui a pressuposição essencial da arte romântica"⁴⁰. Aqui, a matéria que oferece à contemplação é "indiferente", razão por que o espírito deve disso se afastar, para buscar sua satisfação em si mesmo. Na medida em que a exterioridade é indistinta para o artista romântico, também não é a beleza aquilo que ela formula. Em suma, no romantismo encontramos "dois mundos": um "mundo espiritual" perfeito, pacificado, reconciliado e retornado a si próprio e um "mundo exterior", empírico, desinteressante para a alma. O exterior já não exerce nenhuma sedução sobre a interioridade, sobre a subjetividade íntima do espírito: "Procedendo assim, a arte romântica deixa ao mundo exterior toda a sua liberdade, sem lhe impor o menor constrangimento, e sem lhe submeter a qualquer escolha"⁴¹. A conciliação promovida pelo processo de *interiorização* só absorve a exterioridade, na medida em que ela se acha "desprovida de sua exterioridade objetiva, tornada invisível e imperceptível, uma sonoridade emanando de uma fonte misteriosa"⁴². Na verdade, a expressão máxima da arte romântica "é de natureza *musical* e (...) *lírica*"⁴³.

Porque o conteúdo da arte romântica não é aquilo que realiza a "substancialidade da vida subjetiva" e só lhe pode atribuir uma liberdade "formal", porque as formas através das quais este conteúdo se exterioriza são múltiplas e "desordenadas", "a arte romântica acaba": nela o interior e o

exterior são *acidentais*; nela estes aspectos estão separados de tal modo, que "significa a *negação mesmo da arte*" (gn); nela surge "a necessidade para a consciência de descobrir, para a apreensão da verdade, *formas mais elevadas* do que aquelas fornecidas pela arte"⁴⁴. Enfim: é porque o romantismo viceja na acidentalidade do seu conteúdo e das suas formas que ele se perde e se decompõe. Os sentimentos da alma, a interioridade da alma romântica, desejam dar perenidade àquilo que é *fugidío, cambiante, passageiro* na natureza. Os meios, a matéria, se mostram agora inadequados ao conteúdo, mas também agora ele se destaca do sensível na senda para o Absoluto. Já aí não existe mais arte: "a arte tomba sob o império do capricho e do humor"⁴⁵. Apenas aqui resta a *subjetividade do artista*, independente de tal ou qual conteúdo e forma.

A ligação a um conteúdo particular e a um modo de expressão em relação com este conteúdo se tornou para o artista moderno uma coisa do passado, e a própria arte se tornou um instrumento livre que ele pode aplicar (...) não importa que conteúdo, a qualquer natureza.⁴⁶

A arte em geral procura atingir a "verdade absoluta" e exprimi-la através de alguma exteriorização. Na "última forma de arte", isto é, no romantismo, do qual se diz que a subjetividade é *imane*nte ao espírito, o "divino em-si" é o que "constitui o principal objeto da arte"; contudo, é dele exigido que estabeleça uma relação com o "conteúdo profano da subjetividade"⁴⁷. Não obstante, o "humor" quebra tal relação e isola desta a espiritualidade. Com isso, ou seja, nessa "ultrapassagem da arte", o homem se volta sobre si e reconhece a sua verdade maior; então, a arte reconhece no homem, na alma humana, o seu novo "santo". Portanto, agora

(...) o artista encontra o seu conteúdo em si mesmo, ele é o espírito humano que se determina a si mesmo, que medita sobre o infinito dos seus *sentimentos* (gn) e situações, que descobre este infinito e o experimenta, espírito humano ao qual nada do que se agita na alma humana é estranho.⁴⁸

Quando a espiritualização da arte chega a seu limite, a arte *decai*, na medida em que é "caracterizada pela reprodução dos objetos externos em toda a acidentalidade de suas formas" e na medida em que é somente "hu-

mor como libertação da subjetividade abandonada à sua acidentalidade interna⁴⁹. A arte romântica corresponde a uma situação contraditória entre o "significado interno" e a "forma externa" e da qual resulta que ela toma por conteúdo o acidental, da exterioridade ou da subjetividade.

Como em toda obra humana, é o conteúdo que na arte joga o papel decisivo. A arte, conforme o seu conceito, tem como única missão tornar presente, de uma maneira concreta, aquilo que possui um conteúdo rico, e a tarefa principal da filosofia da arte consiste em apreender pelo pensamento a essência e a natureza daquilo que possui este conteúdo e da sua expressão na beleza.⁵⁰

5

Todas as observações que encontramos nos textos aqui arrolados de Benedetto Croce, que agora apresentamos literalmente, levam à admissão da *morte da arte* no sistema hegeliano. O seu argumento inicial é o seguinte:

(...) na filosofia de Hegel, a ordem lógica das categorias coincide com a sucessão histórica dos sistemas e de toda a vida espiritual, de maneira que a resolução da arte na filosofia não pode ser nela um simples processo ideal e perpétuo, mas deve ser no conjunto um acontecimento histórico.⁵¹

Além disso, ele acrescenta: "Não somente os graus de dissolução e da *morte da arte* devem ser, no pensamento de Hegel, sucessivos no tempo, mas também devem ser tais, que "por eles a arte desaparece na lógica"⁵².

A arte corresponde a um momento da história do espírito que procura a sua própria verdade, por isso a arte exige ser ultrapassada: "A arte deve se resolver na filosofia (...) ela mesma é uma espécie de filosofia que a *filosofia superior* investe e torna sua"⁵³. E finalmente: "mesmo que Hegel não tenha afirmado expressamente a mortalidade e, no mundo moderno, a morte efetiva da arte, seria sempre preciso dizer que a sua *dialética histórica* e o seu conceito de arte para isto conduzem necessariamente"⁵⁴.

A arte não pode exprimir a Verdade:

(...) a arte é limitada no seu conteúdo a uma matéria sensível e em conseqüência é somente capaz de um grau espiritual determinado de verdade. Há uma existência da Idéia, mais profunda, que *não* pode ser expressa por intermédio do sensível: e tal é o conteúdo da nossa religião e da nossa cultura. (...) Nosso modo de religião e de cultura racional está colocado, (quer dizer) enquanto modo de expressão do Absoluto, num grau acima da arte. A obra de arte não pode satisfazer a nossa necessidade última e definitiva. (...) A obra de arte exige o nosso julgamento; nós submetemos a nosso exame o seu conteúdo e a conveniência da representação que ela dá.⁵⁵

Nessa altura, Croce cita um longo trecho de Hegel de 1828-29 em apoio à sua tese:

Os belos tempos da arte grega e da época de ouro do fim da Idade Média passaram. Nossa época, conforme sua condição geral, não é favorável à arte. (...) mas toda a cultura espiritual é assim feita de modo que ela mesma vive nesse mundo de *reflexão* e está submetida a suas condições. (...) Sob todas as relações, a arte, considerada nas suas determinações mais elevadas, é e se torna para nós uma coisa passada. Assim fazendo, ela perdeu sua clareza de verdade e sua vivacidade, foi transferida na nossa imaginação e já não mantém na realidade a necessidade que outrora era a sua e a sua posição mais elevada.⁵⁶

Disso conclui ele que

(...) a dissolução da arte, conforme os postulados lógicos da filosofia hegeliana, é um processo ideal e histórico porque afirmam que a arte estava bem viva em outras épocas, mas que no presente lhe falta o ar respirável, que não é mais necessário como qualquer coisa de atual, mas que é qualquer coisa do passado, uma matéria histórica.⁵⁷

O processo no qual o espírito se realiza na obra de arte encontra o seu limiar no romantismo, quando, deixando para trás os elementos sensíveis em que se inscrevia, o espírito retorna sobre si e devém filosofia: "É parti-

cularmente no ponto extremo da época romântica que se pode considerar esta decomposição da arte, que, uma vez cindida a unidade no interior e no exterior, deixa, um diante do outro, um puro externo e um puro interno"⁵⁸.

Em suma:

A arte morreu. (...) Trata-se de um processo intrínseco e mesmo de um processo graças ao qual a arte se liberta cada vez mais completamente do elemento representativo.⁵⁹

A arte, a grande arte, a arte verdadeira, aquela que tem como conteúdo o Sagrado e o Eterno, aquela que foi outrora "representação sensível da Idéia", acabou definitivamente nos tempos modernos; e é por isso que a arte enquanto arte está morta, e a arte que se seguiu é uma arte despojada de seu poder, reduzida ao puramente humano.⁶⁰

O fim da arte é a identidade que é produto do espírito e pelo qual o Eterno, o Divino, o Verdadeiro, se revela em-si e para-si sob a aparência e a forma da realidade à nossa intuição externa, ao sentimento e à representação; mas o cômico destruiu tudo isto.⁶¹

Num outro lugar de sua obra, na sua própria *Estética*, Croce trata mais ao largo a Estética hegeliana, o que nos permite, de resto, situá-la melhor no que diz respeito à função da arte no sistema hegeliano. Aqui, a arte é a primeira forma de manifestação do Espírito Absoluto, seguido da religião e da filosofia. O que ela representa não é o conceito abstrato, mas o *conceito concreto*, isto é, a *Idéia*; e, nesse sentido, a arte é uma das três formas nas quais a liberdade do espírito é alcançada. Hegel mesmo é quem afirma:

A Verdade é Idéia enquanto Idéia, de acordo com o seu ser-em-si e seu princípio universal, e até onde é pensamento como tal. Não há qualquer existência sensível ou material na Verdade; o pensamento não contempla nela senão a idéia universal. Mas a idéia deve também se realizar externamente e atingir uma existência atual e determinada. A Verdade também como tal tem uma existência, mas quando na sua existência exterior determinada está para a consciência, e o conceito permanece

imediatamente um com a aparência externa; a Idéia não é apenas verdadeira, mas bela. Dessa maneira, a Beleza pode ser definida como a aparência sensível da Idéia.⁶²

Assim, o conteúdo da arte é a Idéia na sua forma sensível e representativa, e tal imaginação artística não está aguilhoada a esta aparência luminosa, mas caminha celeremente à busca da verdade interior e da racionalidade do real: "uma obra de arte não deve apresentar à intuição um conteúdo na sua universalidade, mas este universal individualizado é convertido num individual sensível"⁶³.

No sistema hegeliano, a arte certamente apresenta um caráter cognitivo; quer dizer, ela ocupa aí um lugar e significa um momento do Espírito Absoluto; mas, como tal, ela constitui um nível inferior no que diz respeito à filosofia, embora necessário e indispensável. Nessa medida, arte e religião "devem ter uma espécie de valor que se liga a *fases históricas transitórias* na vida da humanidade"⁶⁴. Portanto, a arte é algo que deve ser ultrapassado, superado. É Hegel quem diz indiretamente:

Apenas um círculo definido ou grau de verdade pode se tornar visível numa obra de arte; quer dizer, esta verdade enquanto pode ser transformada no sensível e adequado presentes nessa forma, como eram os deuses gregos. Mas existe uma concepção mais profunda da verdade, através da qual não se está tão intimamente aliado ao sensível nem se permite ser recebido ou expresso adequadamente numa roupagem material. A esta classe pertence a concepção cristã da verdade; e, além disso, o espírito no nosso *mundo* moderno, mas especialmente o de nossa religião e de nossa evolução mental, parece ter passado o ponto no qual a arte é o melhor caminho para a apreensão do Absoluto. Não obstante, o caráter peculiar da produção artística satisfaz as nossas mais elevadas aspirações. (...) Pensamento e reflexão superaram a bela arte.⁶⁵

O diagnóstico final de Croce é o seguinte: "A *Estética* de Hegel é assim uma oração fúnebre; ela passa em revista as sucessivas formas de arte, mostra os passos progressivos da consumação interna e repousa a totalidade no seu túmulo, deixando a Filosofia escrever o seu epitáfio"⁶⁶.

O espírito vê na consciência, na forma da consciência, a si própria; isto é, o espírito se representa para si mesmo e nesse espelhamento adivinha o poder criador da arte. Mas, para além desse instante, o espírito retorna a si como tal: "o espírito vai além da arte para alcançar a sua mais alta representação"⁶⁷. Então, a arte ainda constitui a cisão entre a consciência e o real, entre o sujeito e o predicado: "a obra não é para si a obra realmente animada, mas a totalidade apenas como devir"⁶⁸.

A filosofia de Hegel se apresenta como um sistema que se constitui na *história*. O espírito percorre a trajetória onde ele se revela nas suas diferentes formas, desde as mais elementares e ordinárias até as mais complexas e sofisticadas. A razão se lança no mundo e se reconhece nas coisas que lhe pertencem; depois, retorna a si e se põe diante da sua necessidade e liberdade. O espírito é algo que é inexoravelmente diferente e oposto aos fenômenos sensíveis, e só por *astúcia* é que vai até eles. Nesse sentido, a arte é um momento de alteridade da Idéia, quando ela tem de ser reconhecida nas obras estéticas. No trabalho de regresso do espírito a si mesmo é que se coloca a arte: ela é o primeiro momento do retorno e por isso também se situa numa posição inferior à religião e à filosofia. Se o Espírito Absoluto deve necessariamente percorrer todo o caminho até a sua autoconsciência, então, a arte deve ainda ser superada. É nesta acepção que podemos dizer que a arte morre, embora o espírito devesse passar irremediavelmente por ela.

A arte é superada em Hegel, porque há no seu sistema uma *teleologia histórica* que aponta para a reconciliação dos contrários na Idéia. O Espírito retorna a si e no seu voltar passa pela arte como um momento histórico necessário. A arte ainda é a expressão do corte, da cisão espírito-natureza, liberdade-necessidade, conteúdo-forma, sujeito-predicado, consciência-realidade. A reconciliação é a unidade do espírito consigo mesmo, na sua eternidade, infinitude e universalidade, independente de qualquer elemento sensível e, na medida em que a arte se encontra constitutivamente presa à sensibilidade, ela não pode realizar a conciliação. Em outras palavras: as obras de arte, enquanto algo finito e transitório, não podem encerrar o infinito e o eterno; enquanto algo natural e mundano, não podem deixar transparecer na sua plenitude o divino e o sagrado. A arte constitui ainda um momento negativo do espírito, aquilo que precisa ser superado.

Notas

1. Hegel: (a) p. 79.
2. Idem, p. 83.
3. Idem, p. 90.
4. Ibid.
5. Idem, p. 92.
6. Idem, p. 89.
7. Idem, p. 94.
8. Idem, p. 99 (gn).
9. Idem, p. 100.
10. Idem, p. 101.
11. Idem, p. 104.
12. Idem, pp. 106-107 (gn).
13. Idem, p. 116.
14. Idem, p. 119.
15. Idem, p. 140.
16. Idem, p. 141 (gn).
17. Idem, p. 142.
18. Idem, p. 143.
19. Idem, p. 144.
20. Idem, p. 145.
21. Idem, p. 146.
22. Ibid.
23. Ibid.
24. Idem, p. 147 (gn).
25. Idem, p. 148.
26. Idem, p. 152.
27. Idem, p. 155.
28. Idem, p. 156.
29. Hegel, b, p. 243.
30. Ibid.
31. Idem, p. 244.
32. Ibid.
33. Idem, pp. 244-245.
34. Idem, p. 245.
35. Idem, p. 246.
36. Idem, p. 248.
37. Idem, p. 249.
38. Idem, p. 252.
39. Idem, p. 253.
40. Ibid.
41. Idem, p. 254.
42. Idem, pp. 254-255.
43. Idem, p. 255.
44. Idem, p. 256.

45. Idem, p. 333.
46. Idem, p. 338.
47. Idem, p. 339.
48. Idem, p. 340.
49. Idem, p. 341.
50. Idem, p. 344.
51. B. Croce, a, p. 124 (gn).
52. Idem, p. 125 (gn).
53. Ibid.
54. Idem, p. 126 (gn).
55. Idem, p. 127 (gn).
56. Hegel, apud Croce, a, pp. 127-128 (gn).
57. Idem, p. 129.
58. Idem, p. 130.
59. Ibid.
60. Idem, p. 133.
61. Idem, p. 134.
62. Hegel, apud Croce, b, p. 299.
63. Idem, p. 300.
64. Idem, p. 301.
65. Hegel, apud Croce, idem, p. 302.
66. Idem, p. 303.
67. Hegel, c, p. 409.
68. Idem, p. 412.

Referências bibliográficas

- BRAS, Gerard. *Hegel e a Arte. Uma apresentação à Estética*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990.
- CROCE, Benedetto (a). La "fin de l'art" dans le système hegelien. In: *Essais d'Esthétique*. Paris: Gallimard, 1991.
- CROCE, Benedetto (b). *Aesthetics as science of expression and general linguistic*. Londres: Vision Press-Peter Owen Ltd., 1953 (edição revista).
- FERRY, Luc. *Homo Aestheticus. L'invention du gout à l'age démocratique*. Paris: Livre de Poche, 1991.
- GILBERT, K. E. e KUHN, H. *A History of Aesthetics*. Bloomington: Indiana University Press, 1954 (edição revista e ampliada).
- HEGEL, G. W. F. (a). *Estética. A Idéia e o Ideal*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1974.
- HEGEL, G. W. F. (b). *Esthétique, II. Développement de l'idéal e sa différenciation en formes d'art particulières (terceira seção: L'Art Romantique)*. Paris: Aubier, Ed. Montaigne, 1944.

HEGEL, G. W. F. (c). La Religión del Arte. In: *Fenomenología del Espíritu*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

VATTIMO, Gianni. A verdade da arte. In: *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa: Presença, 1987.

Resumo

Este artigo apresenta uma interpretação da Estética de Hegel em que se indicam os fatores que apontam para a morte da arte no seu sistema filosófico.

Palavras-chave

Hegel; Morte da arte; Romantismo.

Abstract

This paper shows an interpretation on the Hegel's Aesthetics in which we indicate the arguments that prove the death of art in the Hegelian philosophical system

Key-words

Hegel; The death of art; Romanticism